Depois de 22 anos oferecidos generosamente ao serviço deste Paiz - liberdade, haveres, vida - chegou por fim a hora da minha recompensa, a recompensa que em certa altura da existencia colhem todos os homens de acção. Eis-me nesse ponto culminante em que o homem publico é consagrado pela trama das suspeições mais absurdas e das hostilidades mais injustas.

Eu que me bati sempre contra o poder durante o cativeiro da Nação, eu que nada quiz nem nada quero do poder actual - sou hoje coberto de calunias e acusam-me de haver solicitado benesses desse poder; eu que empobreci e comprometi o que tenho para me manter na minha posição de revoltado contra os inimigos da Patria eis-me atacado na integridade moral da minha conducta; eu que finalmente, me considero a intransigencia em pessoa na defeza dos principios de salvação nacional, eis-me agora acusado de traição para com esses principios. Tal é o calvario por onde passo. Aceito-o sem protesto porque é o calvario forçado para todos os que batalham no campo do bom combate.

O espirito inimigo entrou cá dentro, ultrapassando as muralhas da nossa aliança e da nossa solidariedade. O velho espirito burguez individualista, que atacamos fóra de nós, está afinal em nós proprios, dominando, e impondo-nos o sentido miseravel das suas mesquinhas criticas pessoais.

Varrer esse espirito inferior, inimigo do homem e da sua grandeza moral, tal deve ser, nesta hora, o proposito de todos os N.S. que reconheçam o perigo. Dirigentes e dirigidos, temos que erguer-nos nobremente sobre todas as misérias herdadas de uma sociedade que apodrece, para proclamarmos a nossa propria redenção.

Superior a todos os sentimentos, livre de todo o artificio, naturalmente, simplesmente, conforme impõe a dignidade desta camiza azul, digamos o que temos a dizer para que não reste nada a dizer lá fora, para que duma vez para sempre nos entendamos no caminho a seguir e aprendamos a melhor nos conhercer-mos e estimar-nos.

E antes de mais nada esclareçamos já um ponto que, entre tantos, desejo ver elucidado por ser talvez a principal razão de muitos mal entendidos.

<u>A minha atitude perante aqueles que aceitaram servir nas Corporações em lugares de confiança politica.</u>

Sei que a trama de intriguelhas que me tem envolvido se afervora em desvirtuar essa minha atitude. Pois bem: eu não ataquei ninguem. Lamentei, no uso de um direito, que os espiritos revolucionarios com responsabilidades na criação da alma revolucionaria do Movimento se acomodassem numa formula que é, quanto muito, uma etapa, uma simples etapa inicial. Lamentei-o ao Dr. Amaral Pyrrait e lamento-o ainda sempre que particularmente trate do caso entre camaradas. Lamentar não é difamar.

Ao artigo Strasser. Houve quem o tomasse como uma afronta. Pois bem, aqui o declaro categoricamente: O artigo Strasser não visa ninguem em especial não é uma afronta, é um tiro de barragem. É um aviso para todos os que, subordinando-se a uma disciplina nova, esqueçerem os deveres para com a disciplina N.S.. Para todos esses que, aceitando um lugar do Poder, se perderem para o espirito revolucionario que nos anima. Para todos esses. Mas só para esses. Por isso eu concordei que o Dr. Castro Fernandes aceitasse um lugar na burocracia das Corporações, lugar de estudo na engrenagem, que só nos seria proveitoso, ao mesmo tempo que fiz ver ao Dr. Amaral Pyrrait o perigo de aceitar uma posição na propaganda dos decretos, posição em que não poderiamos explicar ao publico os varios aspectos do nosso sistema que é revolucionario e totalitario.

Sei que me foi atribuida muita coisa que eu não disse. Estou pronto a assumir toda a responsabilidade do que fiz ou disse. Repudio porem tudo o que a intriga inventa. Não são pazes que eu solicito, é a justiça que eu reclamo e exijo.

Disse-se que eu não tinha autoridade para assumir a atitude que assu-

mi perante as Corporações, porque em tempos eu solicitara do Ministro da Justiça, Dr. Almeida Euzebio o lugar de Director do Reformatorio de S.Fiel. Falso. Falsissimo.

O caso foi devidamente desmentido no Jorhal "A VOZ" em carta do proprio Sr.Dr.Almeida Euzebio com quem estou de relações cortadas, carta em que se declara que eu e um grupo de beirões apenas lhe pedimos uma sindicancia àquele Reformatorio. E assim foi na verdade.

Posto isto vejamos agora alguns pontos essenciais que convem esclarecer:

1º- O ter eu firmado qualquer aliança ou acôrdo com o general Vicente de Freitas.

Não se firmou aliança alguma. Passou-se apenas o seguinte:

Em principios de Outubro a hipotese dum governo Vicente de Freitas aparecia como cheia de probabilidades. Alguem que merecia a nossa confiança, o Sr. Almeida Carvalho, foi mesmo expressamente a minha casa na Beira, arriscando a vida num carro em tão más condições, que não poude fazer a viagem de regresso, para me confirmar os boatos que aliaz enchiam Lisboa e o Paiz desde Setembro e convencer-me a vir a Lisboa.

Salazar ia-se embora. Desgostoso com a atitude da tropa, demitia-se ou, desejando renovar o Ministerio, pedia á demissão colectiva do gabinete e o Senhor Presidente da Republica não o encarregaria então de formar novo governo. Vicente de Freitas era o nome que mais probabilidades reunia de ser chamado, dadas as simpatias do Chefe do Estado. A saída do Sr.Dr.Salazar era na verdade um grave acontecimento, cheio de perturbações que convinha prevenir. A primeira coisa seria de certo conhecer a atitude do indigitado para lhe suceder, não só perante a politica da Ditadura que nós todos servimos como perante o Movimento N.S..

Eu mantinha cerimoniosas relações pessoais com o general Vicente de Freitas. Era na verdade possivel uma sondagem.

Essas minhas relações pessoais teem dado que fazer aos meus inimigos, como se eu tivesse que pedir a alguem licença para as ter. Já quando o general Vicente de Freitas foi demitido da Camara Municipal de Lisboa, eu que era Director dum Jornal que tantos remoques atirara á sua obra camamaria senti-me no dever de, em meu nome pessoal, telegrafar-lhe cumprimentos particulares. Não o teria feito se ele tivesse sido demitido quando foi sindicado. Fi-lo, porem, quando ele caiu da maneira que todos sabem, como perseguido. É que ha determinados sentimentos que escapam ao conceito dos intrigantes e que felizmente não são raros ainda, erguendo os homens acima das suas misérias.

Para mais eu devia ainda ao general Vicente de Freitas esta atenção que se vai ver: de combinação com o general Sinel de Cordes e o nosso camarada engenheiro Veiga Lima conspirara, em tempos, contra o general Freitas quando era chefe do governo. Fomos denunciados, alguns mesmo deportados. Eu tive mandado de captura como os outros, mas o governador civil de Castelo Branco, meu amigo pessoal, sem nada me dizer no momento lamentou perante o general Vicente de Freitas a minha captura nessa ocasião, em que minha mulher atacada duma infecção pelo nascimento de um filho estava ás portas da morte. O general ouviu-o e deu ordem para que eu não fosse detido. Quando os politicos deixam de ser féras para se mostrarem homens, merecem que a gente se não esqueça das suas acções humanas, para as retribuir. Foi por isso que mandei o telegrama ao general Vicente de Freitas ao ve-lo desamparado e por terra.

Mas continuemos. Vim pois a Lisboa em principios de Outubro, ouvi primeiro da boca de varios elementos em destaque na situação a confirmação dos boatos correntes para qualquer golpe de força. A queda de Salazar tornara-se possivel. Não se tratava de uma conspiração. Todos tinham medo de uma revolta que dividisse as forças da Ditadura. Era a crise politica esperada durante todo o verão que afinal iria abrir-se. O Presidente decidiria. Todos se inclinavam pelas possibilidades de Freitas. Urgia conhecer

o que pensava Freitas, para poder informar o Conselho Directivo e tomar futuras resoluções. Fui. O general depois de me interrogar sobre a finalidade do N.S. pediu-me que lhe mandasse um programa minimo do nosso Movimento. Retorqui-lhe, com toda a franqueza, que o nosso programa minimo era o nosso programa maximo, mas que entretanto lhe mandaria a seu tempo (isto é quando ele fosse de facto chamado) um resumo das nossas reivindicações.

Contei o que se havia passado a Alberto de Monsaraz, a quem pedi que redigisse esse resumo do programa N.S.. Pensara préviamente em redigi-lo eu proprio e manda-lo pelo Sr. Almeida Carvalho ao general. Desisti escrevendo então ao Sr.Almeida Carvalho a explicar-lhe essa desistencia pelo facto de haver encarregado da redacção o camarada Alberto de Monsaraz. Este afinal por discordar da necessidade imediata tambem nada redigiu. Eis tudo. Não tornei a ver o Sr. general Vicente de Freitas. Nada mais se passou Dois dias depois Salazar recolhia a Lisboa, a crise não se abria, os boatos desapareceram, achei-me dispensado de tratar por então do assumpto com os restantes membros do Conselho Directivo. Foi por isso que passado tempo na reunião de Coimbra, quando um camarada nosso perguntou o que havia a respeito do general Vicente de Freitas respondi: Não ha nada. Não havia nada em verdade.

Considerei sempre a hipotese Freitas muito perigosa. Considero-a ainda. Se Freitas porem for chamado ao poder nós não podemos ignorar o facto. Primeiro porque ele será o poder, segundo porque não podemos esquecer as circunstancias em que estamos agindo. Movemo-nos dentro duma situação criada pela Ditadura que nós ajudamos a instaurar e manter. Não nos pode ser indiferente a marcha dos seus destinos.

Passo a agora aos seus casos mesquinhos, daqueles que mais magoam, que mais chocam dada a ligeireza com que se toca na vida particular de quem como eu tudo tem sofrido pelos seus ideais.

Foi-me feito pelo Tesoureiro do Tesouro do Resgate um empréstimo. Eis onde desceu a miséria da intriga. Como é possivel fazer do caso mais banal e regular uma acusação para chocar e maguar. O caso é desta singeleza: Não sou rico. Pertenço aquela pobre e arruinada gente que em Portugal se chama lavoura média. Só a grande lavoura, o alto capitalismo e o bem remunerado emprego vivem nesta altura desafogados. A lavoura média, quere dizer, a maior parte da Nação, agonisa. Ha trez semanas que em Lisboa se reunem debatendo-se na maior afliçõo os representantes dessa lavoura pedindo ao governo... a suspensão das execuções... em dividas hipotecárias. Como lavrador, pois eu que se me quizesse vender estava rico, tenho dividas.

Ora aconteceu que em certa altura logo a seguir ao banquete de Coimbra, a ofensiva contra mim atingiu toda a sua intensidade. Nos jornais, na rua, de toda a maneira, fui atacado. Não lhes escapou mesmo a agressão insidiosa á minha vida particular. Souberam que eu tinha dividas e levaram um crédor meu a fazer-me uma traição, exigindo, contra o estipulado, pronto pagamento. Fui avizado por telegrama. Era um sabado à tarde. Teria que pagar sem falta, na segunda feira. Pedi ao Dr.Alçada Padez para me conseguir um emprestimo imediato. Alçada Padez velho amigo deu as suas voltas e apareceu-me em casa com o Sr.Almeida Carvalho. O dinheiro estava arranjado. Ele e Almeida Carvalho tinham procurado e já encontrado quem o arranjasse mas só segunda feira, pois era preciso ir levanta-lo a um Banco. E foi o proprio Sr.Almeida Carvalho quem expontaneamente visto estar o dinheiro conseguido, se prontificou até segunda feira emprestar sob a sua responsabilidade, a quantia de que eu precisava.

Fiz um documento que lhe entreguei.

Passa-se o seguinte

Alçada Padez e Almeida Carvalho haviam procurado em sua casa o nosso amigo Capitão Delfim Maia que, tendo no Banco um deposito, mas não tendo livro de cheques, se prontificou na segunda feira a entregar a importancia precisa, importancia essa que foi levantar e entregou a Almeida Carvalho.

Veja-se porem ainda as circunstancias em que eu aceitei o emprestimo que Almeida Carvalho me propunha: - Tenho aqui a minha conta corrente com a Admnistração do Jornal, a favor da qual o Tesouro do Resgate reverteria. Devia-me ela nessa altura cinco mil quinhentos e sessenta esete escudos e quarenta centavos, sem contar dois contos de reis de que havia prescindido a favor do Jornal. Quando este mais tarde suspendeu ficou-me a dever seis mil quatrocentos e cincoente e dois escudos e cinco centavos não contando tambem trez contos e quinhentos, que era a quanto montava então a quantia a que eu renunciara em seu favor. Tinha oferecido alem disso ao Secretariado a minha comissão nos varios folhetos de propaganda editados pela UP, comissão que montava a um cónto de reis. Poderia pois ter exigido o pagamento da soma acima referida 5:567.40. Sabia porem as dificuldades da Admnistração e do Secretariado. Recorri por isso a um emprestimo particular e á Admnistração, isto é o Tesouro do Resgate aliaz sob a responsabilidade pessoal do sr. Almeida Carvalho, fez-me o prodigioso, favor de me emprestar parte do que me devia... e apenas por 36 horas.

São deste quilate as intrigas que se levantaram contra o meu nome A BEM DA NAÇÃO.

Entremos agora dentro das mais ridiculas e mesquinhas coscuvilhices.

Alguns empregados do Banco Nacional Ultramarino despedidos vieram pedir-nos para se fazer um apelo no jornal à Direcção do Banco de forma a ser, atendida a sua situação em que ficavam. Não vinham pedir uma campanha contra o Banco aliaz inutil para o seu ponto de vista mas um apelo que lhes aliviasse a situação. O redactor de dia entendeu, porem, fazer um ataque à Direcção como se lê no Jornal "REVOLUÇÃO" Nº 395.

No outro dia eu fui procurado pelo nosso velho amigo o sr. Salomão Gaspar emprègado no mesmo Banco que me disse o que consta da carta que vou ler:

Diante desta carta dum velho amigo e honrado camarada eu resolvi redigir a local que se lê na "REVOLUÇÃO" numero 396.

Claro que o Director do Jornal não pode andar pelos cafés explicando as razões da sua actuação e logo a insidia vem pois afirmar: mudou-se de linguagem porque o Director tinha no Banco um emprestimo caucionado e a Direcção do Banco intimou-o a isso.

Mentira e infamia. Desafio seja quem fôr a provar que o Banco me tivesse dirigido sobre o caso a minima palavra. Desafio a insidia a provar que, se a "REVOLUÇÃO" tivesse continuado a hostilisar-me o Banco, eu sofreria qualquer prejuizo no tal crédito caucionado.

Falta de organisação, falta de comando-acusam ainda.

Aqui é bom frizar de uma vez para sempre: não compete nem poderia competir à Chefia a organisação do Movimento. É isso das atribuições do Conselho Directivo e dos VARIOS Secretariados. Admitindo, porem, que nisso tenha responsabilidades efectivas pergunto:

-É pouco que em quinze mezes se tenham criado 150 Secretariados Municipais, quasi todos os Distritais e todos os de zona?

Era possivel e até de utilidade pratica que no primeiro ano do Movimento, quando se tratava apenas de conseguir o material humano para a organisação, se formassem logo todos os quadrós do Movimento?

Não era preciso que os elementos onde se havia de apoiar a nossa organisação fossem primeiro provados na sua dedicação?

Não era necessario experimentar primeiramente o seu espirito revolucionario para depois de poderem aproveitar?

Não seria antes perigoso e contrapudecente entregar os destinos da nossa Organisação aos primeiros chegados, sabe Deus, alguns com que intenções reservadas?

Falemos porem do comando. Eu sou o executor do Conselho Directivo Opuz-me eu alguma vez ás suas resoluções ou deixei de executar alguma coisa que tivesse sido resolvida e pudesse ter sido executada?

Executei coisas que o Conselho Dibectivo não tinha resolvido?

~~Quais?~~

A saida do Jornal?

O Jornal saiu em meados de Setembro e o Conselho Directivo tinha deliberado faze-lo sair no dia 1...

Isto, depois de criado o Conselho Directivo. Antes, alguma coisa se fez tambem e a prova, foi a marcha dificilima do Movimento, perfeitamente realisada, apezar dos obstaculos que se opunham à sua independencia e não obstante a pouca firmeza do terreno que tinhamos de pizar. É preciso não esquecer as circunstancias especiais em que o M.S. se criou e tem vivido.

Estamos em Ditadura. A nossa propaganda pela imprensa e pela palavra está sob a alçada descricionaria do poder. Depois, o poder, ele proprio, não tem seguido um rumo definido e claro na conducção da politica geral do Paiz e das suas relações para comnosco.

A toda a hora me chegavam ameaças de hostilidade governativa; algumas vezes mesmo essa hostilidade manifestou-se por actos, como a proibição da minha conferencia na Séde da Liga 28 de Maio em Coimbra, a proibição de se publicar no Jornal as listas de adesões, etc., etc., etc..

Era preciso defender a independencia e o espirito revolucionario do Movimento ao mesmo tempo que tinhamos que manobrar no caminho sinuoso da politica Salazarista (não sei se ela coincide com a politica de Salazar) sempre desconfiada e cheia de reservas.

Navegou-se. As manifestações de Lisboa, Porto, Coimbra e Braga, alem de tantas outras de menor importancia, atestam a que ponto e a que velocidade se marchou.

Não era tudo? De certo. Muito mais ha que fazer. Mas onde se marchou já mais em Portugal tão depressa?

Mas de tudo me torna responsavel a critica parcial. De tudo sou eu o culpado. Não me lamento. Constato. A administração do Jornal afirma-se, por exemplo, que era um cáos. Por culpa do Director. E todavia, o Director nada tinha cóm a administração do Jornal, não nomeara ele o pessoal, e não lhe pertencia a propriedade de a "REVOLUÇÃO". Mais, existia um Conselho Fiscal presidido pelo proprio proprietario do Jornal que ía quasi diariamente á Administração da "REVOLUÇÃO". As contas eram verificadas pelo Conselho Fiscal; o pessoal admitido por eles e os contractos de tipografia, ~~e de~~ impressão, etc. por eles firmados.

Quando, um dia, tentei substituir a administração, tive contra mim a hostilidade da Empreza.

Creio ter passado em revista todos ou a maior parte dos fios com que a intriga teceu a trama urdida contra mim.

Passo alguns, ainda, com um simples encolher de ombros, como sejam o escrever eu cartas prometendo a Monarquia liberal a uns, o Sr. D. Duarte Nuno a outros e a Republica a outros mais, e o de eu ter tido medo. A primeira, é idiota; a segunda, miseravel. Desde que se criou o Movimento M.S., eu só prometo a todos o M.S.. Por outro lado, quem cómo eu fez - contra a vontade de muitos que estão aqui e sem que nada me compelisse ai isso a marcha debaixo de forma em Coimbra, e quem, depois de Coimbra, fez as marchas de Braga, bem voluntariamente, bem perigosamente, quem ~~nunca subsequente foi chamado~~

como eu, nunca faltou onde foi chamado, só tem que dizer aos que o acusam: os que fizeram muito, fizeram tanto; na hora suprema veremos quem faz mais.

Passarei ainda o telegrama ao governador civil de Vila Real que em Lisboa é censurado e que em Vila Real onde os nossos camaradas estão em guerra aberta com o governo civil não foi tomado em conta, como se prova pelo pleno acordo e confiança que nos dá o seu Secretariado.

Trata-se disto: Amigo pessoal do governador civil, ao entrar no Distrito, mandei-lhe este telegrama de elementar cortezia:

"Ao entrar seu distrito cumprimento para alem politico o amigo Rolão Preto".

Passo porem, como estas, outras acusações idiotas. Passo e afirmo que com todos ~~os~~ ataques, ha só uma coisa que se visa: a minha intransigencia. Cedera eu. Entrara eu na côrte das abdicações e ver-se-ía como, por encanto, eu passaria a ser pessoa aproveitavel. Daqui conclui-se claramente outra certeza: o que se viza por cima de mim é a personalidade inconfundivel do Movimento.

Sim, eu não posso querer, pois seria muito absurdo e inglorio que o chefe do actual governo, do alto do seu poderio de ditador sem limites e do seu extraordinario renome, enxergasse, cá em baixo, para o incomodar e perturbar, fosse quem fosse, e muito menos eu. O que é preciso atacar e destruir é o espirito revolucionario, intransigente, indomavel do Movimento N.S.. Entretanto as provas, a mais cabal, ainda ha pouco todos a tivemos, quando, ao reaparecer o jornal "REVOLUÇÃO", o poder não se opoz a que, na direcção do Jornal eu continuasse. O que não foi permitido foi que o Jornal se intitulasse Diario N.S. nem que nele se fizesse sequer referencia á doutrina N.S. desde que ela se designasse por esse nome.

Os factos são os factos. E não somos nós que temos o direito de nos iludirmos por mais tempo. Se em minha vez outro dos nossos camaradas, com fama de intransigente e de espirito revolucionario, fôr colocado na chefia, a atitude de Salazar não se alterará?

Mas coloque-se no meu lugar alguem que ~~continue~~ faça do N.S. uma patrulha da União Nacional, ~~com o seu espirito para com outras~~ embuida do seu espirito e da sua inércia congénita, e é de esperar que sobre ele se derramará a cornocópia das benesses Salazarinas.

Esta é a realidade, tudo o mais, fantasias e pretextos.

Ha que decidir. Viver batalhando, mas independente e intransigentemente revolucionario, ou formar uma dessas alas bem vistas pela burguezia governativa?

Por mim já o declaro. Entendo que o Movimento se suicidará no dia em que passar a ser considerado uma patrulha do poder. Só a nossa independencia pode garantir o futuro do N.S..

Não se iludam os nossos camaradas cheios de boas intenções teimam em querer que só podemos viver á sombra do poder. De certo essa é a posição mais comoda, mas ao cabo está a absorção e a morte. Seguir por esse caminho é cometer uma dupla traição: traição para com os principios e traição para com as massas que nos seguem porque temos arvorado a bandeira da revolução.

Camaradas, as responsabilidades que pesam neste momento sobre nós são bem pesadas. Em nós rêside a ultima esperança deste Paiz. Entre a tirania das oligarquias e a tirania comunista, o Paiz só pode libertar-se pela Revolução Nacional dos Trabalhadores. A Revolução Nacional dos Trabalhadores somos nós. Não aceitámos nunca a tirania democratica e não aceitaremos nunca nenhuma tirania venha donde vier.

Fomos contra a liberdade porque ela não garantia as liberdades.

Somos porem pelas liberdades que garantem a verdadeira liberdade.

Escrever, pensar, falar, como escreve, pensa e fala o Estado à maneira comunista ou ha maneira Cezarista, não.

Dentro do Estado Nacional queremos ser livres.

Onde estão os que se bateram pela revolução nacional do 28 de Maio

Nada nos move contra o sr.Dr.Oliveira Salazar, mas a nossa acção não coincide nem pode coincidir com a dele, enquanto os quadros do Estado estiverem nas mãos dos inimigos da Nação.

Tambem o nosso pensamento não coincide com o pensamento do chefe do actual gôverno enquanto Salazar limita a 1930 o plano da revolução social e nacional que nós ~~assistimos~~ servimos.

Nós proclamamos a revolução permanente.

Nós consideramos contra-revolução toda a revolução que para a contemplar a sua obra.

Reconhecemos todos os serviços que a Nação deve ao Dr. Salazar.

As estradas, os navios, os portos, são porem o fruto natural de todas as Ditaduras.

A revolução nas contas do Estado, é apreciavel. Mas queremos mais.

Queremos a revolução nos espiritos.

Queremos a revolução permanente e sagrada. Nada nos pode deter.

Nem artificios nem violencias.

Não devemos ir contra o poder.

A nossa posição é a independencia sem hostilidade como até aqui.

Não nos confundimos porem com qualquer governo.

Os governos passam.

A Nação portugueza é eterna.

F I M

Discurso proferido pelo Chefe do Nacional Sindicalismo, Dr. Rolão Preto, no primeiro Congresso Nacional Sindicalista realisado em Lisboa no dia 12 de Novembro de 1933, pelas 14,30 da tarde.